

O profeta na instância da imagem ao vivo¹

Larissa Pothin PREUSS²

RESUMO

O presente trabalho é uma análise do programa de televisão *Vitória em Cristo* e sua estratégia de mesclar proselitismo religioso e discurso político através das orientações transmitidas durante o período da campanha eleitoral de 2014 pelo apresentador Silas Malafaia. A inserção da religião na esfera pública é examinada a partir da atualização do conceito de espaço público segundo o paradigma teórico do teleespaço público e da instância da imagem ao vivo conforme elaborados por Eugênio Bucci (2002). Essa perspectiva teórica pensa a interação no espaço público através da imagem. Por isso, propõe que o espaço público contemporâneo só pode existir como teleespaço público. Como enquadramento metodológico utiliza procedimentos da *Grounded Theory* (GT) para a elaboração das categorias de análise, construídas pela seleção e pelo tratamento dos dados extraídos das orientações políticas. O estudo revela que a evangelização via televisão se mistura à pregação política na combinação dos papéis incorporados pelo apresentador-pastor, que ocupa a posição do “profeta” e milita em prol da aspiração dos evangélicos à participação no poder político³.

PALAVRAS-CHAVE: religião; profeta; política; evangélicos; televisão; *Vitória em Cristo*.

Sábado, meio-dia, este é o momento em que semanalmente a rede de televisão Bandeirantes, conhecida por ser “o canal do esporte”, abre espaço em sua grade para oferecer outro tipo de embate. A vinheta de abertura nos introduz com música de triunfo a imagens do pregador Silas Malafaia, um pastor da tradicional igreja pentecostal Assembleia de Deus. Malafaia segura o microfone e aponta para a multidão com ar iracundo por detrás do púlpito. Os fiéis erguem as mãos, uns seguram a Bíblia. Sentados na igreja ou em pé em estádios, aparecem juntos para ouvir a palavra de Deus proferida por um homem que se autointitula profeta. Está no ar o programa *Vitória em Cristo*.

¹ Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada na Pontifícia Universidade Católica – Campinas, 17/8/2017.

² Mestre em Ciências da Comunicação, jornalista, e-mail: larissapreuss@gmail.com

³ Este trabalho resume um dos capítulos da dissertação intitulada “As telerreligiões no teleespaço público, o programa *Vitória em Cristo* e sua estratégia de mesclar evangelização e pregação política”, submetida pela autora à Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

Uma edição em especial do programa me chamou a atenção. No dia 17 de agosto de 2013, no sermão intitulado “Quando Deus abençoa e o homem joga fora a benção – Parte 3”, o pastor expõe seus pensamentos sobre as funções do rei e do sacerdote e explicita suas intenções quanto à política. De acordo com a explicação, o sacerdote representa os líderes religiosos enquanto o rei representa aqueles que têm cargo político. Cada qual teria uma “unção” própria, ou seja, teria um chamado específico e uma benção divina específica. Em sua fala, Malafaia se posiciona contra o fato de pastores trocarem a vocação pastoral para concorrerem a um cargo político. E deixa claro qual deve ser o papel do líder religioso.

Você sabe o que eu tenho dito? Eu quero exercer influência. Você lembra do profeta Eliseu, quando ele falou com a Sunamita? “Tem alguma coisa que eu possa falar ao rei a teu favor? Tem alguma coisa que ele possa falar ao chefe do exército?” Ele era um homem de influência. Eu quero influenciar, ser não. Bota numa camisa de força e me interna. Já falei para a minha esposa e ela tá autorizada, se amanhã eu for candidato a algum cargo eletivo, pede pa [sic] chamar, botar numa camisa de força, porque Deus não me chamou pra isso. Mas pra influenciar sim. Me chamou pra ir lá, na cara deles, no Congresso e largar o aço, pra ir na imprensa e botar pra quebrar, pra enfrentar ativista gay, lutar contra aborto. Deus me levantou sim. (MALAFAIA, 17.08.2013, 14min. 20s.)

No excerto acima, Malafaia faz alusão ao episódio narrado na Bíblia no capítulo 4 do Livro Dois de Reis. A história relata o encontro do profeta Eliseu com a mulher sunamita. Segundo a história, essa mulher e seu marido construíram um quarto para o profeta na casa deles. Lisonjeado com o gesto, Eliseu mandou seu servo Geasi perguntar a essa mulher, cujo nome não é mencionado, o que ele poderia fazer por ela. Eliseu diz à mulher: “Você teve todo esse trabalho por nossa causa. O que podemos fazer por você? Quer que eu interceda por você junto ao rei ou ao comandante do exército?” Ela respondeu: “Estou bem entre a minha própria gente” (2 Reis 4:13, NVI).

Subentende-se pelo relato que, se o profeta se propôs a interceder em favor da mulher, é porque sabia que poderia ser no mínimo ouvido e possivelmente atendido, tanto pelo rei como pelo chefe do exército. Malafaia parece usar essa história para

ressaltar o fato de o profeta ser alguém que não apenas conhece os poderosos, mas que possui ascendência tanto sobre o poder político quanto sobre o poder militar. Poderia o apresentador estar usando a Bíblia para justificar sua própria articulação política? De que maneira ele utiliza as narrativas bíblicas para construir seu poder de influenciar politicamente os fiéis?

O televangelista parece dizer que o profeta era um homem de influência e que ele também vai influenciar. Mas logo em seguida Malafaia parece fazer questão de eliminar qualquer suspeita de que seu discurso sugira uma espécie de campanha política. É como se ele dissesse que jamais deixaria algo tão sagrado como o ofício de pastor para se empenhar em uma atividade tão “banal”, como a da política. O discurso sugere uma distinção entre cargos políticos e influência política, sendo que a primeira atividade não deve ser realizada por um pastor, enquanto a segunda pode estar, até mesmo, embutida no chamado divino. Quando menciona as tarefas a realizar, para as quais se sente incumbido por Deus, elege causas de cunho moral e associa-se uma vez mais ao papel profético.

Portanto, ao reforçar sua imagem como “homem de Deus” ele se dissocia da ideia do fazer político, mas ao mesmo tempo valida sua participação na política assumindo o lugar do profeta. Ele transmite a ideia de que não está fazendo política, está apenas cumprindo seu papel como homem de Deus.

1. A figura do profeta

No universo religioso os papéis de autoridade são exercidos de formas variadas e complexas. Indivíduos, instituições e até objetos podem ser depositários do respeito, da confiança, do temor e até mesmo da reverência dos fiéis, conforme nos explicou Weber através de sua sociologia da religião. Na religião, a questão da autoridade está relacionada ao acesso ao sagrado, assim, quando o fiel assume que aquele que está diante dele está mais próximo do sagrado ou detém algum tipo de poder carismático, ele julga que esse líder é capaz de conduzi-lo numa experiência que o leve à presença de algo maior, como uma divindade, por exemplo, e, portanto, se submete à essa

autoridade. As autoridades religiosas para Weber são responsáveis por orientar, aconselhar e oferecer normas de comportamento e conduta pelas quais os fiéis pautam suas vidas. O autor cita as figuras do profeta, do sacerdote e do guru como guias espirituais distintos.

Harris (1998, p. 905) apresenta em seu Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento o termo hebraico *nābî* como raiz da palavra “profeta”, que em seu significado original quer dizer porta-voz, orador. O autor explica que a palavra profeta traduz a ideia de porta-voz autorizado ou oficial.

Weber (1993, p.46) compreende o profeta como “um portador de carisma puramente individual, que, em virtude de sua missão proclama uma doutrina religiosa ou mandamento divino”⁴. (WEBER, 1993, p. 2, tradução nossa). Para o autor, o carisma é um tipo de “poder extraordinário” inerente a certos indivíduos ou objetos. Logo, o carisma possui uma estreita relação com poderes que não se explicam por intermédio da razão, sendo, portanto, considerado um atributo místico e possui uma conotação mágica. O sentido original de carisma para Weber está associado a ideia de dom natural impossível de ser adquirido por outras maneiras. Contudo o autor assevera que o carisma pode ser produzido artificialmente em uma pessoa ou objeto através de meios extraordinários. Mas acrescenta: “Mesmo assim, presume-se que a potência carismática possa ser desenvolvida apenas em pessoas ou objetos, nos quais seu germe já exista, mas que permaneceria adormecido caso não fosse evocado por algum místico ou outro regime”⁵. (WEBER, 1993, p. 2, tradução nossa). A partir do pensamento do autor, entendemos que é possível despertar, realçar e trabalhar uma competência usando de artifícios que forneçam ao indivíduo uma espécie de “cosmética do carisma” que o capacitaria a exercer os poderes e a influência carismática sem que seja possível distinguir a fonte de seu carisma.

A distinção entre o ofício do profeta e do sacerdote para Weber (1993, p. 46) se evidencia através do fator econômico e em virtude da entidade que legitima a

⁴ A purely individual bearer of charisma, who by virtue of his mission proclaims a religious doctrine or divine commandment.

⁵ Even then, it is assumed that charismatic powers can be developed only in people or objects in which the germ already existed but would have been dormant unless evoked by some ascetic or other regimen.

autoridade. O profeta reivindica sua autoridade com base na revelação pessoal, enquanto o sacerdote recebe seu mérito em virtude de servir numa tradição sagrada. O sacerdote tem autoridade para repartir a salvação tão somente por conta da função que exerce, sendo esta assentada sobre bases institucionais. O profeta por sua vez, exerce seu poder pura e simplesmente através de seus dons pessoais, sendo comparado pelo autor nesse aspecto ao mágico. Porém ao contrário do mágico, o profeta afirma-se sob a égide de revelações precisas e tem como foco de sua missão o mandamento ou a doutrina e não a mágica. Weber (1993, p. 48, tradução nossa) enfatiza que “o profeta típico propaga ideias pelo mérito que elas contêm e não pelo pagamento, pelo menos não de forma óbvia ou regulada”⁶. De acordo com o autor, os profetas do antigo oriente também faziam adivinhações, curas mágicas e davam conselhos, mas seu trabalho era totalmente gratuito. Já o sacerdote, via de regra, era e, em muitos casos, continua sendo mantido pelos donativos feitos pelos fiéis, que são entregues a ele diretamente, ou via instituição religiosa, como no caso dos dízimos que são recebidos pela igreja e se destinam ao pagamento dos clérigos.

Heschel (2001), sustenta o pensamento de que os profetas de Israel, cujos escritos são observados pela tradição judaico-cristã, eram tidos em consideração mais elevada do que os reis e sacerdotes. Os profetas podiam não apenas prever, mas sobretudo interpretar o tempo. Eles eram uma espécie de ponte com o sobrenatural, ouviam e falavam em nome dos deuses, eram os porta-vozes das divindades.

Conforme o autor, na tradição judaica, os profetas eram autoridades e desfrutavam de liberdade e independência. Não estavam associados a nenhuma instituição de poder. Não tinham amarras nem com trono, nem com templo. Não obstante, eram os profetas que ungiam reis, censuravam-nos, repreendiam-nos e rejeitavam-nos. Uma vez que, a instituição religiosa tornara-se algo puramente cerimonial e mecânico, Deus fazia sua mensagem chegar ao povo através dos profetas. Eles eram veículos humanos da comunicação entre Deus e os homens.

⁶ The typical prophet propagates ideas for their own sake and not for fees, at least in any obvious or regulated form.

O profeta bíblico é aquele que fala em nome de Deus. Ele não ocupa uma posição na estrutura política, como o rei, por exemplo, mas é ele quem unge o rei, quem traz a palavra de Deus para o rei. Heschel nos explica que o conceito de deus e rei estão intimamente tecidos no pensamento do antigo oriente. Os reis dos egípcios, dos assírios, e dos fenícios desempenhavam funções de sacerdote. Em Roma, o governante era o *pontifex maximus*, mas em Israel o rei não era o sacerdote. “O rei não é nem o filho, nem a encarnação, nem o representante de Deus. [...] O coração da ordem social não era nem o sacerdote, nem o rei, mas a aliança entre Deus e o povo”⁷. (HESCHEL, 2001, p. 610). Para o autor, o Deus de Israel é um Deus pessoal que procura envolvimento e não o papel de espectador, por isso procura maneiras de se comunicar com seu povo. Heschel (2001) sustenta que um dos modos de Deus falar com o homem é através da profecia que narra o que aconteceu com Deus e anuncia o que acontecerá aos homens. Mas o autor ressalta que o profeta não é um mero portador dos recados divinos, ele é alguém que se põe na presença de Deus e participa de seu conselho. O profeta para Heschel é mais do que um mensageiro, ele é uma testemunha, e como tal, deve ser ele mesmo um testemunho de que a palavra, da qual é portador, é divina. Para o autor, a coerência profética não está apenas no que o profeta diz, mas a respeito de quem ele fala. De acordo com Heschel, o objetivo maior do profeta é revelar a Deus. Sobre a incumbência do profeta o autor assevera: “Na verdade, nem mesmo a palavra de Deus é o objeto final e tema de sua consciência. O objeto final e tema de sua consciência é Deus, cuja misericórdia, o profeta sabe, que está acima de seu julgamento e sua ira”⁸. (HESCHEL, 2001, p. 28). A partir do pensamento do autor entendemos que o profeta não deve buscar atrair atenção para si, mas ao contrário, deve fazer com que outros possam enxergar a Deus através de suas palavras. Assim, suas mensagens não se destinam a espalhar medo ou terror, mas converter o coração dos homens à Deus. No tocante ao relacionamento entre Deus e o homem, o profeta deve ser tido apenas como

⁷ The king is neither the son, nor an incarnation, nor a representative of God. (...) The heart of social order was neither king nor priest, but the covenant between God and the people. (HESCHEL, 2001, p. 610)

⁸ Indeed, not even the word of God is the ultimate object and theme of his consciousness. The ultimate object and theme of his consciousness is God, of Whom the prophet knows that above His judgment and His anger stands His mercy. (HESCHEL, 2001, p.28)

um elemento coadjuvante. Por isso Heschel argumenta que o termo “carisma” não é adequado para descrever o profeta, cujo foco não deve estar no fato de ter sido dotado com um tipo especial de poder, mas no poder recebido para afetar a vida de pessoas.

A alusão à figura do profeta, como conhecida nos assentamentos religiosos, é recorrente nas pregações de Malafaia. É tanto que em diversos sermões, ele se refere a si mesmo como “profeta de Deus”. Esse fato nos chamou atenção pois visualizamos uma relação entre a utilização do termo e a posição que o apresentador assume para legitimar sua postura política.

1.1 O pastor “profeta”

Na tradição judaico-cristã, a palavra profeta é tecida com as fibras simbólicas que remetem os fiéis aos profetas bíblicos tais como Jonas, Daniel, Isaías, Ezequiel e Jeremias, por exemplo. Conforme observamos em Heschel o profeta é aquele que fala com Deus e por Deus. É ele quem traz a mensagem sobre os juízos de Deus ao povo. O povo por sua vez deve dispor-se a escutar o profeta para evitar sua própria destruição. É assim que o programa projeta o seu apresentador profeta. Observamos que o uso do termo pelo apresentador poderia estabelecer um vínculo com o papel do profeta, e conseqüentemente condicionar o modo como sua mensagem é recebida pelos fiéis. O fiel utiliza a palavra como referência a qualquer pessoa que lhe traga uma mensagem de Deus. Ou seja, o profeta não necessariamente seria o portador de uma profecia como no caso dos profetas bíblicos. Entendemos que a menção da palavra pelo apresentador é mais uma questão de uma apropriação de terminologia, ou até mesmo do jargão religioso, do que a reivindicação da função do profeta.

Contudo, uma observação mais minuciosa veio a confirmar nossa primeira impressão de que o apresentador toma para si o lugar do profeta como posição legitimadora de sua articulação política.

O interessante é que ele constrói essa imagem durante o sermão, isto é, no momento do programa que aciona mais intensamente a chave simbólica da religião. Entendemos que durante a pregação os fiéis estão predispostos a receber instruções da

palavra de Deus. Portanto, se a imagem do profeta é construída no momento do sermão a distinção entre o que é bíblico e o que faz parte do discurso do próprio pastor ficaria muito mais complexa. Uma vez estabelecida a relação entre o apresentador e a figura do profeta, isso poderia elevar as orientações políticas a uma outra dimensão, afinal, elas estariam sustentadas na ideia de uma comissão profética.

O apresentador associa-se a figura do profeta durante o sermão que fez na Marcha para Jesus-Rio, no dia 31 de maio de 2014. O programa foi exibido no dia 7 de junho de 2014. O evento relembra o cenário de um comício, no qual o pastor discursava de um palco montado a céu aberto para uma multidão de pessoas aglomeradas ao lado da câmara municipal do Rio de Janeiro, na Cinelândia. Bandeiras são agitadas, mas ao invés da sigla de partidos vê-se a inscrição JESUS. Malafaia imprime um tom enérgico, e enfático durante toda sua fala. No contato cara a cara com a multidão de espectadores, o pastor parece querer convencê-los de duas coisas: primeiro que os fiéis devem escutá-lo e segundo, que eles devem obedecê-lo.

Eu quero dizer uma palavra pra você aqui, a Bíblia diz assim: “crede no Senhor vosso Deus e estareis seguros, crede nos vossos profetas e prosperareis”. Eu quero dar um alerta ao povo evangélico. Eu já tenho dado na tevê, eu tô dando mais uma vez, isso aqui vai pra tevê, pra você que está aqui escute o que eu vou te dizer e aguça o teu ouvido. Há um jogo político do inferno pra nos desqualificar da nossa cidadania. Você não é cidadão de segunda classe, você é cidadão brasileiro pra fazer a diferença! (MALAFAIA, 07.06.2014, 21min.57s.)

Malafaia parece afirmar sua posição de ativista político ao mesclar histórias da bíblia com o contexto sociopolítico atual. Como profeta na instância da imagem ao vivo, ele dá alertas na tevê, e enfatiza a televisão como algo que corrobora para a relevância de seus alertas, e mais reforça a ideia de que a televisão é ferramenta indispensável para a pregação do evangelho. O fato de mencionar que o ele está dizendo vai para a televisão pode ser uma maneira de atestar que aquele momento foi real e que afinal se inscreve na arena do novo espaço público, o telespaço público.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

A ligação entre o papel do apresentador e do profeta parece se estreitar ainda mais na seguinte fala:

Vocês viram o que tá acontecendo hoje no Brasil? ACORDA LÍDERES! ACORDA POVO DE DEUS! Hoje muitas escolas estão abolindo dia dos pais e dia das mães. E aí eu fico vendo na internet, “pôxa, o pastor Malafaia, pôxa, para de falar em gay pastor”, “pôxa, o pastor Malafala fala mais em gay do que em Jesus...” Tu tá precisando ler mais a Bíblia! Os profetas desse livro aqui, falavam mais contra o pecado do que em Deus. Vai lê! Vai lê meu filho, vai ler a Bíblia! Vai ler Jeremias, vai ler Ezequiel, vai ler Isaías, Amós, Oseias. Vai ler, eles falavam mais contra o pecado do que em Deus. Deixa de besteira! Eu não tenho nada contra pessoas. Eu separo homossexuais de ativistas gays. Eles estão trabalhando pela a desconstrução da heteronormatividade. Eles estão trabalhando para a ideologia de gênero, acabar com masculino e feminino. Eles estão trabalhando para ensinar homossexualismo nas escolas pra criança! E a criança, isso é ciência, não sabe discernir entre ordenança, informação e sugestão. Nós tamo calados. Hã? Tem mais de 800 projetos! Você vai votar em quem pra deputado federal? Você vai votar em quem pra deputado estadual? Você não pode negociar esse voto meu irmão! Você não sabe, eu já ensinei aqui que o voto é quociente eleitoral, vote em quem tem chance de chegar lá. O irmãozinho aí da tua igreja que é candidato infiltrado por um bandido pra poder juntar o quociente, o cara vai ter 500 votos não vai ser eleito. O outro tem mil, o outro tem 2 mil, o outro 3 mil, não vai ser eleito! Porque isso aí não elege deputado federal nem estadual. Acorda povo de Deus! Acorda líderes! Acordem! (MALAFAIA, 27.09.2014, 52min.58s.)

Nessa passagem, o apresentador parece evidenciar sua relação com a figura do profeta de duas maneiras: primeiro apelando para que os evangélicos despertem para a participação no processo político e depois apoiando-se em referências bíblicas para justificar sua postura como defensor das causas morais.

Ao apelar para que os evangélicos acordem o apresentador dá a impressão de retomar à função do profeta no sentido de clamar ao povo amortecido que desperte de seu torpor antes que a destruição venha. O trabalho do profeta bíblico não era apenas ser um porta-voz de Deus. Sua missão incluía uma profunda identificação tanto com Deus, que desejava salvar o povo mas não podia compactuar com o pecado, como com o povo, que deveria arrepender-se de seus caminhos para não ser destruído. Assim, o profeta buscava por meio de apelos, súplicas e alertas convencer o povo a voltar-se para

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

Deus de modo a ser poupado. Contudo, o que estava em jogo para o profeta bíblico não era o afirmar-se como soberano mensageiro da verdade, mas ser um instrumento de salvação para o povo.

Porém, o apelo de Malafaia possui um estilo autoritário e certo viés de desespero. Este episódio foi o último em que o apresentador ofereceu orientações aos telespectadores quanto ao processo eleitoral antes do dia da votação. Portanto é como se o programa exibido no dia 27 de setembro fosse sua última cartada.

Sua súplica é feita aos berros ao passo que gesticula enfaticamente levando as duas mãos próximas da boca como quem quer amplificar a voz. Seu clamor é uma ordem e sugere que caso não seja ouvido e obedecido, o povo evangélico corre perigo. O tom despótico impresso em sua fala dá entender que o apresentador não admite ser contestado.

Ao traçar um paralelo entre o papel que desempenha no contexto social contemporâneo e os profetas bíblicos subentende-se que Malafaia procura igualar-se a estes no sentido de legitimar o próprio discurso moralista. O apresentador chega a segurar a Bíblia com uma das mãos e bater nela com a outra quando diz que os profetas falavam mais no pecado do que em Deus. Nesse momento Malafaia parece furioso, indignado com seus críticos que não entendem nem as narrativas bíblicas, nem tampouco o motivo pelo qual ele mesmo se dedica à causas de cunho moral.

Entendemos que, ao assumir a posição de fala do profeta, Malafaia busca através construção simbólica associada à esta figura afirmar sua postura política. Porém, entendemos que não é apenas o que ele diz, mas sim o lugar de onde fala, como ator religioso e mediático inserido no telespaço público, que coopera para a legitimação de suas palavras. Sua influência, advém não apenas de sua posição como líder religioso, mas da “aura” da qual é revestido pela imagem televisiva. Mas se nas narrativas bíblicas a autoridade do profeta era chancelada por Deus, na instância da imagem ao vivo é a televisão que lhe confere esse atributo.

2. A persuasão pela imagem

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

O termo “televangelismo”, utilizado para descrever a propagação do evangelho feita via televisão, parece receber seu significado adequado na instância da imagem ao vivo.

A respeito da instância da imagem ao vivo, Bucci (2009, p. 4) diz:

A instância da imagem ao vivo abraça a totalidade do “agora” por sobre a totalidade do espaço. Ela não se apaga, não se desliga, não pisca. É uma instância que, para além de evento determinado, determina a totalidade dos eventos. O que está no ar, ao vivo, não são os acontecimentos, mas a instância na qual eles têm lugar. A televisão assim existe como o palco do mundo – e não é o mundo, mas o palco do mundo, quem existe ao vivo.

Segundo o autor, tudo parece convergir para esse lugar desprovido de materialidade, para essa simulação de presente eterno, para essa instância magnetizante que suga para si aquilo que tem a mínima aspiração de existir – política, cultura, ciência, religião. A partir disso é possível entender que a instância da imagem ao vivo é o assalto do espaço público, o qual não se trama mais com a palavra, mas com a imagem; não apenas com a imagem, mas com a imagem técnica, porém não com a imagem técnica sozinha, isolada, estática, mas com a imagem em movimento, nascida da urgência do ao vivo. O telespaço público se caracteriza por ser delineado nos limites impostos pela televisão e pela era de prevalência da imagem eletrônica inaugurada pela televisão e bastante presente na internet. Eis a nova arena de articulação onde se engendra o social, o lugar onde ocorrem as mediações culturais, políticas, comunicacionais, o epicentro da interação mediada.

A partir da instauração da instância da imagem ao vivo tornou-se imperativo que a ação dos atores políticos aconteça diante da tela da televisão ou simplesmente não existirá, será desconhecida e, portanto, irrelevante para a opinião pública. Assim, entendemos que o potencial político dos indivíduos e instituições inseridos na televisão, como é o caso do apresentador do programa Vitória em Cristo, ganha força na instância da imagem ao vivo.

O termo grego *tele* transmite a ideia de distância, portanto, televisão seria a imagem à distância. (TIBURI, 2011, p. 29). Logo, a pregação do evangelho via

televisão é o evangelismo feito à distância, o evangelismo feito para os olhos, uma espécie de “antiproselitismo” em que o foco parece ter se deslocado da Palavra para a imagem.

Ellul (1985, p. 32) enxerga um perigo nessa mudança de paradigma. O filósofo argumenta que a imagem pertence ao domínio do real enquanto a palavra ao domínio da verdade. Para Ellul (1985, p. 33), uma imagem é incapaz de transmitir qualquer tipo de verdade, isso seria uma das possíveis razões para explicar o fracasso dos filmes “religiosos”. O autor comenta que toda vez que um conteúdo espiritual é retratado através de imagens, o resultado é a percepção de algo que sempre difere da verdade e ressalta:

Imagens podem transmitir ritos, e, portanto, as pessoas tendem a confundir verdades religiosas com ritos religiosos. Em um mundo obcecado por imagens e onde estatísticas são imprescindíveis, as pessoas têm a necessidade de entender a “religião” por seus ritos, por não poderem entendê-la de outra maneira. Desta forma as pessoas têm a impressão de terem ao menos entendido as manifestações de fé, no entanto, o que compreenderam foram apenas alguns aspectos de uma realidade que obrigatoriamente se choca com a verdade (ELLUL, 1985, p. 32, tradução nossa)⁹.

O autor enfatiza a primazia da palavra sobre a imagem no universo espiritual pois compreende que o relacionamento com o Deus da Bíblia só é possível através da palavra, afinal, “o Deus bíblico fala, e nada mais”. (ELLUL, 1985, p. 85).

Na era visual, a equação que relacionava palavra e verdade e imagem e realidade foi alterada. A palavra foi deposta, ou, para usarmos a expressão de Ellul, a palavra foi “humilhada” e a imagem ocupou seu lugar como soberana. Debray (1994, p. 304) propõe uma nova equação para essa era: “Visível = Real = Verdadeiro”. Para o autor, “somos a primeira civilização que pode julgar-se autorizada por seus aparelhos a acreditar em seus olhos”. (DEBRAY, 1994, p. 304). No pensamento de Debray, o que se torna “visível” passa necessariamente pelos aparelhos produtores e transmissores de imagem. Sob essa lógica, uma imagem será crível na medida em que o aparelho que a

⁹ Images can convey a rite, and thus people have a tendency to confuse religious truth with religious rites. In a world obsessed with images and where statistics are necessary, people feel a need to grasp “religion” by its rites, since it cannot be understood any other way. In this manner people get the impression that they have at least grasped the expressions of faith whereas they have grasped only some aspects of a reality which of necessity clashes with the truth.

produz for confiável. Conforme o autor, são os aparelhos que legitimam a confiança nos olhos. A evolução da técnica permitiu à imagem ser não apenas a representação de algo que existe, mas até mais verdadeira do que a própria coisa representada. Elevadas ao *status* de verdade, as imagens tomaram o lugar da argumentação, fazendo com que o convencimento e a conversão também passassem a acontecer pela visão.

O pensamento do autor revela a imagem também como o critério para crença no panorama das telereligiões. Quando Jesus disse: “Bem-aventurados os que não viram e creram”, suas palavras registradas na Bíblia, no evangelho de João, capítulo 20 verso 29, eram dirigidas a Tomé, o discípulo da dúvida. É sobre os seus ombros que repousa o estigma da incredulidade. Não porque lhe faltasse fé. Pelo contrário, Tomé cria, mas cria no que via. “Por que me viste, creste?” foi a pergunta do mestre ao discípulo desconfiado. A crença de Tomé era aferida pelo olhar. Ele precisava “ver para crer”.

Armstrong (1993, p. 4), explica que uma das razões pelas quais a religião parece irrelevante em nossos dias se dá devido a perda da percepção de que estamos cercados pelo invisível. Eis a nota tônica desta geração: cremos porque vemos, e não somente porque a religião se fez imagem, mas porque passamos a consumir tudo ao nosso redor com os olhos. Nesse ponto, gostaríamos de resgatar os dizeres de Flusser (2002) sobre o propósito das imagens.

Imagens são mediações entre o homem e o mundo. O homem “existe”, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo interpõe-se entre mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passaram a ser biombo. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função das imagens. (FLUSSER, 2002, p. 9).

O pensamento do autor é antagônico à ideia de progresso no processo desencadeado pelo avanço da técnica que culmina na máxima descrita por Debray em que o visível se iguala ao verdadeiro. Para Flusser, a imagem e mais precisamente a imagem que é fruto da tecnologia, ao invés de produzir esclarecimento e pensamento, obtura esses canais da mente por conta de sua natureza que é sempre mágica e produz

uma espécie de efeito enfeitiçante.

Tiburi (2011, p. 96), diz que o olho é o órgão da fascinação, nesse aspecto seu ponto de vista concorda com o pensamento de Flusser. Contudo, a autora propõe que olho também é o órgão da crença já que “a história do olhar se confunde com a história da crença, tanto quanto com a história do ceticismo. É o olhar que prova o in-crível para torna-lo crível”. (TIBURI, 2011, p. 94).

Com base no pensamento dos autores, podemos entender um programa de televisão como o espaço onde são tecidas as verdades de nossa era.

Logo, quando o apresentador usa seu espaço televisivo para disseminar suas pregações políticas, ele faz um movimento no sentido de tornar o fiel indesculpável por permanecer em sua ignorância política. Essa ideia se repete nas falas do apresentador:

“Eu to sempre dizendo aqui, depois não diga que eu não alertei”.
(MALAFAIA, 20.09.2014, 57m.44s.).

“Eu tô apenas te aconselhando pra depois não dizer que ninguém te avisou nada”. (MALAFAIA, 16.08.2014, 56m.34s.).

“Não diga que eu não avisei! Você está inescusável. Líder que tá me assistindo, não diga que não foi avisado”. (MALAFAIA, 27.09.2014, 54m.53s.).

Nesse caso, a imagem ao vivo é tomada pelo apresentador tanto como critério de verdade para validar seus argumentos, como testemunha de seu esforço pessoal em prol do ensino dos fiéis sobre as questões de cidadania. Um resultado diferente daquele proposto pelo apresentador em suas orientações televisivas poderia ser interpretado como negligência e omissão dos fiéis em participar dos processos que poderiam gerar os direcionamentos políticos.

À guisa de conclusão, apoiamo-nos no pensamento dos autores para ressaltar que o caráter persuasivo do discurso do apresentador do programa Vitória em Cristo não pode ser avaliado apenas pelos elementos presentes em sua fala. Entendemos que convencimento dos fiéis não está condicionado à uma certa estratégia argumentativa em particular elaborada pelo pastor. É a combinação de papéis e discursos somada a presença de Malafaia na instância da imagem ao vivo que persuadem, convencem,

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

convertem.

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, K. **A history of God**. Nova Iorque. Ballantine Books. 1993.
- BUCCI, E. **Em torno da instância da imagem ao vivo**. Vol. 3. n.1. São Paulo: Matrizes, 2009 p. 65-79.
- DEBRAY, R. **Vida y muerte de la imagen**. Barcelona. Ediciones Paidós. 1994.
- ELLUL, J. **The humiliation of the word**. Grand Rapids. Wm. B. Eerdmans Publishing Co. 1988
- FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- HARRIS, L. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HESCHEL, A. **The prophets**. Nova Iorque: Harperperennial, 2001.
- MALAFAIA, S. **Programa Vitória em Cristo**. (Programas de 03.05.2014 a 25.10.2014). Publicado no canal oficial do YouTube prmalafaia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/prmalafaia>>. Acesso em: 25 jun. 2015.
- TIBURI, M. **Olho de Vidro**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.
- WEBER. M. **The sociology of Religion**. Boston: Beacon Press, 1993.